

Em debate, a evangelização dos índios



Atalafas, jornalistas, uma antropóloga e o cineasta Silvio Back discutem na "Folha" as acusações que seu filme "República Guarani" faz à ação ideológica da catequese indígena.

MÁRIO SÉRGIO CONTI

"Por mais que afirme que sua intenção é defender os índios dos grandes fazendeiros, das multinacionais e do governo, a Igreja, com seu aparato bélico de evangelização, arrebenta com o universo mítico das comunidades indígenas, preparando sua integração no capitalismo e sua destruição física. Meu filme pretende discutir essa ocupação ideológica perpetrada pela Igreja desde o século 16 até os dias de hoje." Assim o cineasta catarinense Silvio Back resume as preocupações presentes em sua nova obra, "República Guarani", que estreia amanhã em São Paulo e será apresentada hoje em sessão especial, com entrada franca, às 20 horas, no auditório da "Folha". Após a projeção haverá um debate com a presença do diretor, da antropóloga Eunice Duhren, do reverendo Jaime White, do jesuíta Atílio Hartmann e do crítico Orlando Fassoni. O jornalista Osvaldo Mendes será o coordenador.

Bispo nega a Back condições de julgamento

"República Guarani" tem como tema principal as missões criadas e sustentadas pelos jesuítas entre 1610 e 1767, numa vasta área entre os rios Uruguai, Paraná e Paraguai. Nessas missões, gerações de guaranis foram obrigadas a abandonar seu modo de vida para adotar uma organização moldada pela Companhia de Jesus.

"Fiz um filme aberto — diz Silvio Back —, pois é impossível querer colocar um ponto final numa polêmica que já dura mais de 300 anos. Cabe ao espectador formar sua opinião. Mas a minha visão, que se modificou conforme eu fazia o filme, é a de que a Igreja, ao introduzir as noções de propriedade privada, de hierarquia e de pecado, acaba com a cultura indígena. Os religiosos não encaram os índios como iguais."

Com "República Guarani", Back pretendeu "mexer num vespeiro", ao advertir sobre os malefícios da evangelização dos índios. "Se a catequização dos ditos selvagens tivesse dado resultados positivos, não haveria hoje apenas cerca de 200 mil indígenas no Brasil, descendentes dos cinco milhões que habitavam o País na época do Descobrimento", diz ele.

Mas não é só a Igreja que está "sob suspeita" no filme de Back: "Há antropólogos que passam anos junto aos índios para aprender sua língua e depois vão produzir catecismos de evangelização para a Igreja." E não sobram críticas até para o cinema brasileiro — "que na maioria dos casos apresenta os índios sob um ponto de vista da Igreja" — e para a esquerda, "que, por estar aliada circunstancialmente com a Igreja, evita encarar a questão indígena de frente".

Mesmo fazendo essas afirmações, Back, que se considera um "pós-marxista", não acredita que seu filme seja anticlerical ou anti-religioso: "É inegável que a Igreja teve um papel importante na luta pela democratização do País."

Mas esse papel positivo da Igreja não a exime de críticas: "Há algum tempo a 'Folha' trouxe uma reportagem ótima, mostrando uma reunião entre membros da Funai e representantes das Igrejas católica, luterana, evangélica, etc. Eles simplesmente abriram o mapa do Brasil e dividiram suas áreas de atuação junto aos índios. Ou seja, fizeram um novo Tratado de Tordesilhas, destinando a cada um deles espaços de ocupação ideológica. E não vi nenhum antropólogo protestar contra isso. 'A experiência dos jesuítas foi considerada inovadora, alternativa, uma espécie de socialismo precoce nos trópicos, protegendo os índios dos bandeirantes, da Espanha e de Portugal. Hoje, os padres marxistas — se é possível que exista um padre marxista — também se apresentam como alternativa junto a posseiros, operários e despossuídos em geral. Em muitas reuniões em igrejas, os trabalhadores cantam o Hino Nacional, rezam e só depois vão discutir seus problemas, colocando a reunião num quadro determinado: o do res-

"Fico pasmo ao ouvir afirmações como essas", desabafou o bispo de São Paulo, ao conhecer as declarações do cineasta Silvio Back. "Não vejo na atualidade quem como a Igreja tenha se debatido pelos índios no interior árido do País, enquanto cineastas como esses querem analisar a situação no conforto do asfalto".

Para o bispo da pastoral operária, Silvio Back está "julgando" a ação da Igreja com critérios socioeconômicos e políticos de hoje, que são inadequados. "Ele entende de cinema, mas não da atuação da Igreja no meio indígena nem da República Comunista-Cristã dos Guaranis", continuou o prelado. E indagou se Silvio Back sabe quem está roubando "as terras dos índios e da Igreja" para ele próprio responder: "São forças poderosas que atuam e continuam atuando hoje".

Na opinião da antropóloga Maria Manuela Carneiro da Cunha, membro da Comissão Pró-Índio de São Paulo, os especialistas aos quais se refere Silvio Back "não são ligados à Igreja Católica" mas à Igreja Protestante, especificamente ao Instituto Linguístico de Verão sob suspeição em vários países da América Latina. "Eles já foram proibidos de atuar em muitos países e no Brasil estão fora das áreas indígenas", explicou a antropóloga.

Maria Manuela concorda que até uma certa época, no período colonial, os jesuítas tinham um projeto próprio teocrático e modificaram as sociedades indígenas. "Por outro lado — ressaltou —, tiveram um papel importante na defesa da vida dos índios contra os colonos e os bandeirantes". Mas a Igreja do século 20, "que se renova e se interroga, não pode ser comparada à do século 16", explicou a antropóloga, reprovando e classificando a comparação de Silvio Back "como um abuso de cunho ideológico do cineasta".

No mesmo sentido, o ex-presidente da Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, Dalmo Dalari, apontou nas declarações do cineasta "o grave defeito da generalização". "É fora de dúvida — afirmou — que existem registros históricos de fatos que demonstram a cumplicidade de sacerdotes católicos com os dominadores dos índios. Mas também há muita documentação comprovando que não foi pequeno o número de padres católicos que tiveram problemas com as autoridades e sofreram perseguições".

peito às instituições e o da obediência a Deus e à hierarquia. Se isso é positivo ou negativo, confesso que não sei." "República Guarani" não apresenta uma solução acabada para resolver os problemas dos índios no Brasil, "porque não é tarefa do artista apresentar soluções", conforme Back. "Apenas mostro uma questão, a ser discutida por todos. De minha parte, não acredito que os índios possam sobreviver se lhes são impostos valores que nada têm a ver com seu modo de vida."